

COISAS DA POLÍTICA

REGINA ZAPPA

O que fazer enquanto seu lobo não vem

Todo mundo respirou fundo, prendeu o ar e, em clima de *choque-já*, esperou o pronunciamento do ministro marcado para depois de amanhã. Fernando Henrique frustrou a expectativa. Avisou que não pretende dar pretextos para que o dólar aumente ou para que os preços sejam remarcados e anunciou que quer ouvir o PMDB antes de fazer seu discurso em cadeia nacional de rádio e TV. Choque, disse o ministro, nem pensar. "Nossa moeda é a credibilidade." Com a decisão, Fernando Henrique mata dois coelhos: desarma parte do PMDB, que se colocou em pé-de-guerra e esperava o pronunciamento de terça-feira para tomar uma decisão sobre o apoio ao governo, e empurra para mais adiante a definição do teor de seu discurso. Medidas mais fortes estão sendo preparadas pela equipe econômica, é o que todos concluem, mas tudo pode acontecer, inclusive nada, ou *choque nenhum*, como o ministro e seus assessores repetem monocordamente.

No entanto, o anúncio do adiamento da fala na televisão, feito na noite de sexta-feira quando o mercado já estava fechado, aumentou as especulações de que o governo pode dar o bote muito antes do que se imagina — amanhã, por exemplo. Este seria o preço a pagar pela decisão: mais boatos, mais incerteza e tudo o que o ministro não quer, como a subida do dólar e a disparada dos preços.

Assim como há três meses poucos acreditavam na adoção de medidas heterodoxas para quebrar a inflação (uma pesquisa feita com economistas e divulgada semana passada pelos jornais mostrou que 90% dos entrevistados pensavam assim), é, agora, cada vez maior o número de pessoas que apostam num choque para breve. A inflação é o tema central do governo, o assunto de todas as rodas de conversa e o desespero da maioria que não tem como se proteger dela. Isso sem falar na confusão de sentimentos que ela cria. Ao mesmo tempo em que se suspeita que um *tranco* na economia não vai resolver os problemas a longo prazo, espera-se, até implora-se, a adoção do choque. E nada mais se faz, à espera da ação fulminante. Ficam todos ao sabor das especulações, num misto de esperança e masoquismo.

Mas o que fazer enquanto seu lobo não vem? Os problemas brasileiros só poderão ser resolvidos quando se der um golpe mortal na inflação? E enquanto isso não acontece, e se o golpe não der certo? Na publicação intitulada *Brasil Urgente*, editada pela Insight Engenharia de Comunicação e que será divulgada na terça-feira, especialistas tentam responder. Uns acham que a miséria não sobrevive à inflação, outros querem combatê-la sem ficar esperando os ventos favoráveis da estabilização. A economista Maria da Conceição Tavares chama a atenção para a complexidade de se estabilizar uma economia que convive com legiões de miseráveis e que não pode se dar ao luxo de renunciar ao crescimento por muito tempo.

"Não vamos conseguir lutar contra a inflação enquanto não estivermos estruturados em projetos relevantes para o grande capital nacional, o capital estrangeiro e a burocracia civil e militar."

O que vai resolver o problema da miséria, diz o deputado Nelson Jobim, é a retomada do desenvolvimento. "Para acabar com a miséria precisamos combater a inflação, porque ela impossibilita o desenvolvimento." Os ex-ministros Mario Henrique Simonsen e Márcio Marques Moreira defendem o ataque cerrado à inflação e acreditam que só depois de resolver esse problema é que se pode viabilizar um projeto nacional. "O primeiro bem público é a estabilidade", argumenta Márcio. "Só depois de resolver o problema da inflação é que se pode, por exemplo, pensar em reforma tributária", diz Simonsen.

Já Maria da Conceição acha que as elites brasileiras têm que deixar de lado teses que costumam embalar. Ela garante, por exemplo, que é uma ilusão achar que o mercado vai garantir a retomada do crescimento porque ele tem mais o que fazer — vai tratar de ganhar dinheiro, que é para isso que ele existe. "Se o combate à miséria é uma questão estratégica, não adianta todo mundo ficar olhando para Brasília e esperar que venha de lá alguma solução mágica. É preciso que todos os níveis onde há inteligência, nas elites, na mídia, na Igreja, no Exército, nas universidades, todos levem essas questões a sério."

Esta é justamente a tese do sociólogo Herbert de Souza, o Betinho, que se lançou de corpo e alma na campanha contra a fome que já ganhou dimensão nacional. "Quando me falam em atacar a inflação, eu digo que quero atacar a fome. Atacar a inflação é sempre um motivo para não atacar a miséria." Para ele, esse movimento da campanha de criar parcerias "está ensinando a sociedade a se reconhecer. É uma oportunidade da cidadania reencontrar-se consigo, de a elite rever sua prática".

O que Betinho está dizendo é que não dá mais para ficar de braços cruzados, esperando o que ele chama de "suicídio social de um país chamado Brasil". Os nossos mais graves problemas estão estampados nos artigos que grandes escritores brasileiros escreveram para o caderno *Fome* que o JB publica hoje. A discussão sobre o combate à inflação deve ser travada em todos os setores, de forma ampla, mas não pode servir de pretexto para que o país fique paralisado. Como diz Maria da Conceição, para pensar o futuro desse país é preciso ter capacidade de planejamento, uma *expertise* que anda escassa no Brasil. "O chamado curto prazo está cegando as pessoas. Inexiste um projeto nacional. O país é um deserto de planejamento." Ela tem razão. Enquanto se discute o que vem antes — o ovo ou a galinha — não se enxerga que do lado de fora do galinheiro a mata está pegando fogo.